

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julian Carrón Milão, 28 de novembro de 2012

*Texto de referência: Capítulo 6 de Na Origem da Pretensão Cristã, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2010; Carta à Fraternidade, 1 de novembro de 2012*

- *Il giovane ricco*
- *What wondrous love is this?*

*Glória*

**Carrón:** Temos como tema dois textos: o capítulo sexto de *Na origem da pretensão cristã* e a minha carta à Fraternidade. O capítulo do livro tem como argumento a pedagogia de Jesus. Podemos ler esse capítulo apenas como algo que diz respeito ao passado, como uma bela descrição do que aconteceu com outras pessoas (e, pelo contrário, estou curioso para saber como vocês o leram, cada um de vocês), mas a carta nos impede de sucumbir a esse risco, nos impede de partir de algo que não seja o único ponto que temos à disposição, isto é, o presente. E, por isso, quero começar lendo algumas contribuições que chegaram sobre a carta, porque é só partindo do presente que podemos entrar no capítulo. Na carta, eu parto da experiência feita no Sínodo. Na abertura do Ano da Fé, o Papa disse que a fé não é mais um pressuposto óbvio, e portanto que o deserto em que nos encontramos não pode florescer simplesmente devido a uma estratégia um pouco mais astuta (chegamos até esse ponto: não basta melhorar a estratégia da comunicação pastoral) e, por isso, é necessária a conversão. Mas, imediatamente, a pessoa se pergunta o que é a conversão, porque com a palavra “conversão” podemos descrever situações diferentes; os fariseus também falavam de conversão, tendiam a observar inúmeros preceitos, se dispunham a todas essas práticas, mas – como nós – não estavam disponíveis para a verdadeira conversão: ceder a uma Presença presente. Toda a resistência que vimos, e que vemos no capítulo sexto, diz qual é a novidade (com a qual alguns de vocês têm familiaridade porque estão lendo o livro *A conversão ao cristianismo nos primeiros séculos*, onde Bardy descreve exatamente essa diferença entre outros modos de conceber a conversão e a conversão cristã). Então, entre nós também podemos pensar em conversão, digamos, de maneira farisaica: disponíveis a mudar algo, mas segundo a nossa imagem e nossas ideias. Se fazemos assim, voltamos a colocar nossa esperança em melhorar aquilo que somos capazes de melhorar, e não na nossa conversão a algo presente. Para sublinhar que este não é um problema do passado, na carta, num determinado momento, cito Dom Giussani: no início, não foi assim, no início “o Movimento nasceu de uma Presença que se impunha”, como para o povo de Israel no início era uma presença que se impunha, mas depois, como foi possível nos entregarmos, como eles, à organização, aos planos pastorais? Porque não nos damos conta de que a conversão coincide com o seguir: “Para que a nossa vida possa ser mudada desse modo, é necessária a nossa disponibilidade à conversão, isto é, a seguir”. E o que significa seguir (para não fazer como com outras palavras o estrago de sempre)? “Seguir é o desejo de reviver a *experiência* da pessoa que o provocou e o provoca com a sua presença na vida da comunidade; é desejar participar da vida daquela pessoa através da qual foi levado até você algo de Outro, e é a esse Outro que você é devoto, é a Ele que você aspira, a Ele você quer aderir, dentro deste caminho”. Então, a primeira pergunta que um de vocês me fez foi exatamente essa, e diz respeito ao seguir: “Fiquei tocado com o fato de que na carta que nos enviou (e que lhe agradeço muito), você repete duas vezes: ‘Reviver a *experiência* da pessoa que o provocou’, e ‘só quem está disponível a seguir um mestre, tentando reviver a sua experiência, poderá dar uma contribuição à altura da situação’. Então, você pode me ajudar a entender este reviver a experiência de um outro?”. Para responder – é melhor fazê-lo através dos testemunhos ao invés de explicações – leio esta carta: “Escrevo para contar o que me aconteceu depois da última Escola de Comunidade. Enquanto escutava o que você dizia e todas as colocações que foram feitas, fiquei profundamente tocada e comovida, mas a um certo ponto, algo me perturbou, pela exatidão com que você disse: ‘Mesmo que você afirme infinitamente algo de si,

não é isso que lhe realiza, porque o que realiza você é reconhecer o infinito. Somente esta é a verdadeira afirmação de si, que a torna livre da obtusidade do amor próprio e que lhe permite obedecer'. Eu me senti derrotada por essas palavras. derrotada porque elas soaram como estranhas, como abstratas. Tudo o que tinha ouvido até um instante antes, que tinha me tocado e comovido sinceramente, não se mantinha mais. Fiquei confusa. Conto o trabalho que isso fez nascer em mim, a aventura que isso gerou. No início, não entendia bem o que tinha me confundido desse modo, fingia, ao contrário, que não percebia essa dificuldade, tentava deixar isso de lado. O resto tinha sido bonito, não? Então, por que não ficar satisfeita? Por que não era suficiente? Estava criando problemas inúteis? Mas no fundo do coração, sabia qual tinha sido o ponto de ruptura, ou seja, quando você disse: 'Mesmo que você afirme infinitamente algo de si, não é isso que lhe realiza'. Imediatamente, pensei na minha última prova, na injustiça que de repente sofri ao receber uma nota que não merecia. Dentro de mim, imediatamente argumentei: o que tem a ver o fato de ter tirado 7,5 ao invés de 10 com o fato de que sou feita para o infinito? Isso me parecia abstrato, e no entanto eu sei muito bem que sou feita para o infinito, quantas vezes eu vi e soube disso! Mas diante daquele fato não havia nada de mais abstrato, sem consistência. Depois, você disse: 'Isso nos parece abstrato em relação às coisas que temos na cabeça, e nos parece mais concreto conseguir resolver, permanecendo vazios': exatamente o que me parecia. Um particular como aquela nota injusta, pequeno em relação aos grandes problemas da vida, me parecia muito mais concreto do que ser feita para o infinito. Essa objeção, pouco a pouco, fez nascer uma dúvida sobre toda a minha vida: o que o ser feita para o infinito tinha a ver com aquele fato particular? O que isso tem a ver com os problemas cotidianos? Assim, no dia seguinte, esse incômodo me impediu literalmente de desfrutar daquilo que tinha nas mãos e, quando cheguei em casa à noite, antes de dormir, perguntei a mim mesma: porque estou tão triste? Estava cansada de me sentir assim. Então, nesse momento roguei a Ele, como uma filha roga ao Pai: vai me deixar terminar o dia assim? Não vem me buscar? E comecei a me lembrar do meu dia, desde a missa matinal até o curso que me apaixonava, do fato de ter visto o rosto de um amigo ao jantar inesperado que minha avó preparou para mim. Tinha sido um dia cheio de beleza e, no entanto, estava triste, imensamente. Então, de repente, dei-me conta: se todos esses fatos belos não preencheram meu coração hoje, é verdade que eu sou feita para o infinito. Nada, por mais belo e justo que tinha vivido até aquele momento me fez respirar. Só o dar-me conta da capacidade do meu coração, irredutível a tudo aquilo que me parecia concreto, só o dar-me conta de que eu sou esse relacionamento com um Tu, inesperadamente me libertou e me encheu de uma alegria imensa. Não foi um raciocínio – um raciocínio nunca preenche o coração –, foi um reconhecimento; porém pensando-me de um modo, descobri-me de outro, aliás, fui levada a reconhecer aquilo que se revelava como verdadeiro na minha experiência, isto é, descobri a minha verdadeira natureza. É por isso que tudo aquilo que tinha ouvido antes na Escola e Comunidade não era suficiente, precisava chegar a julgar até o fim, porque uma dúvida (pelo menos na minha vida) nunca permanece circunscrita e, em pouco tempo envolve tudo e, no fim, a pessoa, não sabe como, se torna cética. Mas a dúvida sempre tem uma origem em um ponto preciso que pede, grita para ser olhado. Não é que eu não precisasse daqueles fatos bonitos, mas precisava de um relacionamento com Aquele que os dava a mim. Sem esse relacionamento, esses fatos permaneciam mudos. Isso, que pode parecer algo sem muita importância, ao contrário, me introduziu no método que você está nos indicando há tanto tempo e, agora, a frase: 'Você é feita para o infinito' não me soa mais abstrata, porque posso reconhecer isso em uma experiência real que nunca mais ninguém poderá me tirar. A outra consequência disso é que dei-me conta de que fui bem criada, bem porque mesmo que eu reduza a mim e a realidade, tudo de mim e da realidade reabre continuamente para me fazer reconhecer aquilo que eu sou realmente. Banalmente, me concebo de um modo e sufoco, e em ação me descubro de outro, e respiro. Nunca poderei lhe agradecer o suficiente pela provocação que você é continuamente para a minha vida, obrigada. *Observação*: ainda não sei por que eu tirei 7,5 ao invés de uma nota mais alta como provavelmente eu merecia, mas se a ferida que esse fato gerou me levou a reconhecer aquilo que acabei de contar, benditos 7,5!". Então, se agora lermos a descrição que Giussani faz da experiência, vocês perceberão que é diferente repetir uma frase que normalmente nos parece abstrata e nos identificarmos através de uma experiência. Seguir não é

repetir a frase de Dom Giussani, não é apegar-se a uma pessoa sentimentalmente ou personalisticamente, porque esse apego personalista é a modalidade com a qual nós camuflamos o nosso não seguir que, ao contrário, é reviver a experiência da pessoa que nos provocou. E qual é a pessoa que provocou a todos nós? A pessoa de Giussani: seguindo-o, a quem nos leva? “O desejo de participar da vida daquela pessoa através da qual foi levado até você algo de Outro”. Se, para nós, seguir a pessoa que nos provocou não nos leva a refazer e reviver a sua experiência, nós não seguimos, mesmo que digamos que o fazemos. Não digo isso como uma censura. Digo porque, depois, não podemos nos lamentar de que não acontece aquilo que ele descreve! Basta que a pessoa tome todo o tempo de que necessita para fazê-lo, sem se escandalizar, e entende aonde leva: “Participar da vida daquela pessoa através da qual foi levado até você algo de Outro, e é a esse Outro que você é devoto, é a Ele que você aspira”. A nossa aspiração é esse Outro, não a pessoa que me apresenta esse Outro. Se eu me bloqueio aí, se eu paro aí, eu não sigo e, portanto, não faço a experiência e por isso continuo dizendo que é abstrato, e continuo perdendo tempo. Somente alguém que faz essa experiência pode dar-se conta de que o Mistério é concreto a esse ponto, como descreveu esta carta, é radicalmente concreto, tanto que, se não encontro uma resposta, eu não respiro, fico cansado, triste. O Mistério é tão concreto que não podemos viver nada sem fazer uma comparação entre este ser feitos para o infinito e aquilo que encontramos. Não tem nada de abstrato, é a coisa mais concreta! E se nós não entendemos isso, se não fazemos uma comparação entre aquilo que desejamos e cada fibra do ser que é feita para o infinito, qualquer coisa que encontramos nos desilude, não entendemos e nos irritamos conosco porque tudo nos parece injusto. Ao contrário, nada é mais real, mais concreto, mais radical do que o fato de sermos feitos assim, para o Infinito, em cada fibra do ser. Isso é refazer a experiência, que é muito diferente de fazer um discurso sobre a experiência, e logo vemos isso pelo respiro que provoca. É isso que dizia na última vez, falando de quando São Pedro empunhou a espada para defender seu Amigo. E uma de vocês me disse: “Que comentário é esse que você fez?! Pedro não fez aquilo por maldade, como muitas vezes nós não nos movemos por maldade pensando que estamos seguindo, assim como alguém que se apega a um outro e se move por uma afeição a este outro, não é maldade; ele queria defender o Amigo segundo a sua medida e, provavelmente, eu teria feito a mesma coisa, muitas vezes ajo movida por uma intenção boa, mesmo se, depois, o resultado não seja bom. Onde está o problema?”. Onde está o problema? Precisamos voltar constantemente a Jesus, ao diálogo de Jesus com Pedro, porque quando ele disse: “Tu és o Messias”, imediatamente pensou que já tinha entendido a questão e, assim que Jesus começou a falar da paixão, exclamou: “Não, isso não, só faltava isso!”. Então, Jesus (Jesus!), que não quer que se apeguem a Ele sentimentalmente, mas quer introduzir na experiência que Ele faz, reage: “Pedro, afaste-se de mim, porque você pensa como os homens e não como Deus. Se você quer ficar comigo, precisa fazer a minha experiência, precisa entrar nela até esse ponto, senão, pode dizer que está apegado a mim, mas não me segue, e quando tenta me defender com a espada arrancando a orelha do primeiro que passa, diz que faz isso para me defender. Eu não preciso dessa defesa, Eu desafio você novamente para fazer a minha experiência. Você não percebe que meu Pai tem legiões de anjos que poderia derrubá-los e “enterrar” todos? Não é isso que me interessa, mas que você faça a minha experiência”. E quando os dois de Emaús se escandalizam, ele diz: “Vocês não entendem que devia acontecer tudo isso?”. O Evangelho usa o termo grego *dein*, isto é, “era necessário” que acontecesse isso (que é uma modalidade de dizer Deus). Então, seguir não é apegar-se personalisticamente, porque Jesus não quer isso, não quer esse tipo de apego, e se quer manter os discípulos junto dele, como Dom Giussani sempre nos ensinou, é para conduzi-los ao Pai. Não é suficiente deixá-los apegados a si. Por quê? Porque se bastasse um apego sentimental ou personalístico, seria uma brincadeira dele. Por que isso não nos basta? Porque somos feitos para o Infinito. Como a menina que me escreveu: ela estava aqui, muito contente com o que estava sendo dito, mas se eu não a provoço dizendo que, mesmo se acontecesse aquilo que desejamos, isso não basta, não sou seu amigo. A única possibilidade é que eu diga a você: mesmo que você afirme infinitamente algo, não é isso que pode realizá-lo, porque aquilo que o realiza é reconhecer o infinito. E se eu não lhe digo isso, mesmo correndo o risco de você não entender nada, não nos ajudamos. Porque é isso que Dom Giussani diz no capítulo seis quando fala da renúncia a si

mesmo. Um de vocês me escreveu: “Por que precisamos renunciar a nós mesmos se dissemos que é o tempo da pessoa?”. Precisamos renunciar a uma medida nossa para que seja realmente o tempo da pessoa! Porque o tempo da pessoa é esse tempo do infinito para o qual somos feitos, e não existe um tempo da nossa pessoa que não coincida com isso. E quando alguém descobre isso na experiência, como em outros testemunhos que lerei sinteticamente, então algo começa a acontecer, senão qualquer coisa que aconteça revela a nossa inconsistência. “Minha namorada viajou há algumas semanas para o exterior, onde não há sinal da Igreja: a China. Depois de alguns dias, me provocou dizendo que se dá conta de que o fato de ela ser cristã está muito ligado à cultura na qual cresceu e ao lugar onde vivia, a Itália, mas no momento em que se afastou fisicamente dessa cultura brotou a grande pergunta. Escreveu: ‘O que eu faço com Cristo? Será que, aqui, Cristo é necessário para viver ou é um passatempo que eu usava na Itália? Porque, no fim, vejo que aqui as pessoas se viram do mesmo jeito, a até fazem menos discursos e empregam mais o tempo nos afazeres. Dou-me conta de que, por incrível que pareça, eu poderia me tornar descrente em seis meses, descobrindo que lá Cristo não existe’. Para mim, isso foi como um terremoto, e a única coisa que pude responder, com lágrimas nos olhos, foi que a única coisa que eu podia fazer era rezar para que Cristo se encarnasse diante de seus olhos, mesmo na China, e não só para ela, mas sobretudo que fosse testemunha também para mim, porque senão significaria que Ele não ressuscitou realmente e que aquilo que nos disseram aqui na Itália, a nós que crescemos nessa cultura cristã e no Movimento, é apenas uma fábula e que assim que colocamos o nariz fora do nosso ‘ambiente’ (para usar um termo seu que sempre me tocou), Cristo desaparece. E percebi que o desafio era lançado a mim, aqui onde moro: quantas vezes reduzo o meu ser cristão a uma série de atividades, ritos e encontros, fruto da educação que recebi do Movimento e da amizade que me fez companhia, quantas vezes me vejo vivendo como um pagão (conforme diz Bardy), onde a religião é aquela própria da cidade onde se vive, e é reduzida a um formalismo de rito e de grupo. Porém, agora, se escancara a pergunta: quem és tu, Jesus? Para além das atividades, dos ritos... Quem és tu, Jesus, para a minha vida? Onde a minha vida se apoia? Sobre o personagem de uma fábula ou sobre algo inteiro? Não quero mais hesitar diante dessa pergunta e entendo que na base está uma verdadeira e própria decisão de percorrer o caminho que leva à certeza. É um desafio que sinto como uma graça, uma graça para ela, na China, que se deu conta disso e para mim, na Itália, e vejo que até o nosso relacionamento está se transformando e tornando-se cada vez mais verdadeiro ao nos testemunharmos mutuamente os sinais da Sua presença real em nossas realidades. Essa é a maior companhia que podemos nos fazer, mas sem a sua ajuda e o caminho que você nos indica, não podemos nos fazer essa companhia. Por menos do que isso, por menos do que essa certeza, não me satisfaço mais”. Outra carta diz: “Sou engenheiro e, por causa do trabalho, preciso viajar frequentemente para o exterior, e em uma dessas viagens [o último que chega pode nos ultrapassar pela direita e pela esquerda] tive a possibilidade de trabalhar com uma colega que hoje é a minha namorada. Ela não era muito religiosa, ao contrário, por causa de alguns problemas tinha se afastado da Igreja, mas curiosa em relação a mim e, segunda ela, à minha fé, retomou seu caminho de fé de maneira realmente rápida, aproximando-se do Movimento e da experiência de Giussani, até torná-la própria. O que me impressiona é como em tão pouco tempo ela olhe para sua experiência à luz da Escola de Comunidade e daquilo que eu digo a ela, a ponto de, normalmente ser ela que indica o caminho. Faço um exemplo: nesse período, está no exterior, enquanto eu fiquei trabalhando na Itália, então, podemos nos falar uma vez por dia, à noite por causa do fuso horário. Todas as vezes que conversamos, falamos sobre o que aconteceu durante o dia, avaliamos as coisas e muitas vezes, a lamentação por aquilo que não está bem prevalece. Ontem foi a minha vez e, depois de um dia de grande stress no trabalho, falei de tudo o que não estava bem com o chefe, com os colegas, com os clientes e que, por causa disso, estava pensando em mandar tudo pelos ares e começar a procurar um trabalho mais de acordo com o meu caráter. E, um pouco irritada, ela me surpreendeu, dizendo: ‘Se Cristo não tem a ver com o chefe que não valoriza você e lhe trata mal, então não tem a ver com nada. Você acha que o Senhor se esquivou desse episódio? Ou Cristo tem a ver com tudo, ou é apenas uma teoria’. Diante dela, que me contestava, isto é, colocava todas as minhas dúvidas dentro de um contexto mais amplo, não pude deixar de ficar em silêncio e “apreciar” como Cristo a

estava usando para me repreender. Sim, porque ela não sabe o discurso sobre Cristo que supostamente eu sei, ainda não participou de nenhuma Escola de Comunidade, mas está falando da sua experiência, de fato, ela me disse que eu lhe havia dito aquilo há alguns dias. Na verdade, nem me lembrava. Agora entendo melhor a frase de São Paulo: ‘Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim’. Porque não é um problema de coisas a fazer, de regras a seguir, até porque o fazer cansa, mas é o ficar surpreso pelo fato de que Ele se manifesta também nos últimos chegados [isto é, em alguém que faz uma experiência, que mostra uma experiência, mesmo sendo o último chegado: este está seguindo e o outro não, mesmo se o outro sabe o discurso ou participa de certos gestos. Graças a essa discussão, o lamento tão pesado e estéril desapareceu e deu espaço para a surpresa da Sua presença que nos acompanha nas dificuldades cotidianas sem deixar nada de fora”. Poderia continuar, dizendo: seguir é – como diz Dom Giussani – reviver a experiência, porque sem isso nós não chegamos ao Outro para o qual somos feitos, “aquele a quem nosso coração aspira, deseja”.

**Colocação:** *Sou secretária de um colégio onde estuda um menino que está gravemente doente. Na semana passada acompanhei alguns professores numa visita a ele. Enquanto eles conversavam com o menino, fiquei uma hora e meia com a mãe que me colocava todas as suas questões, todo o seu drama, dizia: “Se ele morrer eu ficarei louca, me ajude”. Eu respondi a partir de tudo aquilo que nos ensinam, que eu sei. Fui embora, entrei no carro e telefonei para o meu marido: “Não estou bem porque essa conversa não me agradou”. Havia algo dentro de mim que não fazia sentido, de fato, pensei: não me telefonará mais porque devo ter “errado” alguma coisa, embora não entendesse o quê. Há dois dias ela me telefonou às oito da noite e me disse: “Estou desesperada porque continuo pensando naqueles 20% de possibilidade que ele tem, continuo pensando na próxima ressonância, estou enlouquecendo. O que eu devo fazer?”. Então, eu disse: “O que aconteceu hoje?”. Ela me contou: “Hoje ele comeu”. E eu: “Olhemos para o que aconteceu hoje: ele comeu, sorriu, por isso jante com sua família e desfrute aquilo que você tem hoje porque amanhã nem eu sei se vou acordar. Desfrute o instante, agradeça por ele existir”. Ela me disse: “Obrigada, sabia que devia ligar para você porque precisava que alguém me dissesse isso agora”. Quando desliguei, meu coração disparou porque me lembrei do exemplo do rei de Portugal: ele não fez muitos discursos, primeiro melhorou as coisas e ajudou as pessoas e, depois, quando perguntaram, disse quem era. Então, de manhã, corri para meu chefe e disse: “Está vendo? Não preciso falar da questão religiosa com ela, porque não é esse o ponto, preciso ajudá-la e lhe fazer companhia dentro da realidade. Depois, se Ele vai se revelar (talvez através de mim), eu não sei”. Este capítulo seis, desde segunda-feira realmente mudou o meu dia, há dois dias me alegro pelo fato de ser como o rei de Portugal.*

**Carrón:** É isso. O problema não é falar da teoria do rei de Portugal, mas fazer a experiência de modo tal que ela possa sentir que aquilo é pertinente à necessidade que tem. O que o Mistério vai fazer, depois, com esse seu gesto concreto em relação a ela, veremos.

**Colocação:** *Queria que você me ajudasse a compreender uma circunstância. Um dia, estava com um colega em um cliente, em cujo escritório estavam expostas algumas imagens sacras. Enquanto voltávamos de carro, meu colega me disse: “É escandaloso, é chocante que um empresário coloque imagens sacras no próprio escritório. É um lugar público e por isso não pode haver imagens sacras”. Então, eu disse: “Olha, nos lugares públicos já encontrei imagens de todos os tipos, até calendários com mulheres e homens nus. Cada um expõe aquilo que quer. E, por que alguém não pode expor uma imagem sacra?”. E nesse momento, ele disse uma coisa que me espantou: “É, no fundo o ateu é alguém que não tem uma presença à qual responder”. Ponto. Isso como que me deixou em pedaços, no sentido de que, num certo ponto, eu disse: eu não sou ateu porque tenho uma Presença à qual responder. Porém, dei-me conta de que se a presença está ligada apenas ao meu reconhecimento, é quase como algo que eu mesmo fabrico, enquanto uma presença é algo objetivo.*

**Carrón:** Sim.

**Colocação:** *Quero dizer: Você tem uma caneta na mão, essa caneta está presente, eu a vejo. Eu tenho uma caneta no meu estojo, aquela caneta está presente, embora não seja visível.*

**Carrón:** Certo.

**Colocação:** *Eu queria que você me ajudasse a entender como posso estar muito mais ligado a essa ideia de que a presença precisa ser, de algum modo...*

**Carrón:** ...Gerada.

**Colocação:** *Exato.*

**Carrón:** Deixamos a questão em aberto, porque esse é o ponto do capítulo sexto. Porque precisamos perceber em qual momento da nossa experiência, agora, nos deparamos com algo presente que não podemos ter a dúvida se nós a criamos. Não é possível responder a isso com uma teoria, mas com uma presença que maravilha, e não é você que gera. A melhor coisa é reconhecê-lo, documentá-lo, testemunhá-lo mutuamente.

**Colocação:** *Queria dizer duas coisas sobre a última Escola de Comunidade. Uma delas diz respeito ao comentário sobre o episódio do Evangelho no Horto das Oliveiras sobre a questão da espada: tocou-me particularmente o juízo que você deu, sobretudo porque acredito que esse tipo de juízo, de algum modo, diz respeito e julga a própria história da Igreja e do Movimento. Porque, quando você disse meio ironicamente, em relação ao corte da orelha: “Será que o Mistério se distraiu?”, colocou um ponto a ser refletido sobre a questão e isso me faz dizer...*

**Carrón:** A teologia diz que a Providência Divina nunca erra. Por isso, tudo o que acontece está dentro da Providência Divina. Não porque o Mistério queira o mal ou seja responsável pelo mal que nós fazemos, mas o permite, de um certo modo, me explico? Então, a questão é se através de tudo isso é possível vencer o mal. Como Jesus vence o mal? Como o derrota definitivamente, de modo que o mal não cause o mal maior? E qual é o mal maior? Romper o laço com o Mistério. Este é o mal, porque atinge aquela que é a nossa possibilidade de salvação. Não abandonando a ligação com o Pai. De fato, vemos tantos amigos nossos, tantas pessoas, que na dificuldade, como ouvimos, ou na doença ou nas situações mais diversas, florescem porque esse relacionamento com o Mistério não foi atingido, e Ele nos testemunhou isso dando-nos a possibilidade de ver como nós, embora o Mistério não nos poupe nada, podemos vencer o mal porque Ele veio. Essa é a maior contribuição que nos dá. Não nos poupar das coisas, não vencer e depois nos deixar sozinhos. Não, mostrando a cada um de nós que aquele laço é mais forte do que a morte, mais forte do que o mal, porque nEle o mal não conseguiu – como digo sempre – “desligá-lo” do Pai. E isto é decisivo porque quando se introduz a dúvida, é isso que nos mata verdadeiramente, verdadeiramente nos fere até os ossos, porque é como romper a possibilidade da salvação, o laço que nos salva.

**Colocação:** *Entre outras coisas, isso faz emergir de maneira precisa que o juízo que sai da Escola de Comunidade serve para tudo.*

**Carrón:** Certamente.

**Colocação:** *Absolutamente tudo, chegando a dizer respeito até a esses aspectos.*

**Carrón:** Se não servisse para tudo, não seria verdadeiro, acabamos de ouvir isso nas cartas.

**Colocação:** *Outra questão que me tocou foi quando você, respondendo a uma pergunta, levantou a questão do eterno. Saí da Escola de Comunidade naquela noite com uma experiência de alívio tão impressionante que me pareceu quase como se nunca tivesse respirado como naquela circunstância, como naquela noite, com a consequência de que no mês que veio depois, vivi as circunstâncias normais, cotidianas (o trabalho, os problemas, etc) com uma serenidade e uma intensidade que, ousaria dizer sem exagero, não tinha experimentado até aquele momento.*

**Carrón:** Isso me permite lançar o desafio para a próxima Escola de Comunidade, quando continuaremos a trabalhar sobre o capítulo seis: o que aquilo que você acabou de dizer tem a ver com a Escola de Comunidade? Porque, depois daquilo que dissemos esta noite sobre a carta à Fraternidade e sobre o seguir, agora podemos continuar trabalhando sobre este capítulo até a próxima reunião: não tentemos fazer comentários sobre o texto, mas destacar situações nas quais aconteceu algo daquilo que o texto diz, porque se é uma experiência, nós devemos poder fazê-la agora, senão não podemos fazer o caminho da certeza que o livro descreve, o caminho por meio do

qual o Mistério revelou verdadeiramente a Sua pretensão única. Leio para vocês um texto de Guardini, para introduzi-los na leitura e no trabalho sobre este capítulo: Jesus testemunhava “um contínuo, silencioso transcender os limites das possibilidades humanas, em uma grandeza e uma vastidão que são percebidos primeiramente como uma naturalidade benéfica, como uma liberdade que parece natural, como humanidade simplesmente sensível”. Onde está a pretensão? Muitas vezes, uma vez que não se mostra em todo o seu clamor, não a percebemos, parece que não tivemos a mesma sorte das pessoas citadas no Evangelho que tiveram a possibilidade de tocar com a mão os gestos clamorosos de Jesus. Mas Guardini escreve que o que mais impressiona é esse “contínuo, silencioso transcender os limites das possibilidades humanas”, parecendo quase uma naturalidade benéfica, mas que no tempo “acaba por revelar-se simplesmente como um milagre [...] um passo silencioso que transcende os limites colocados para as possibilidades humanas, mas [atenção!] muito mais extraordinário do que a imobilidade do sol e do que o tremer da terra”. Muito mais extraordinário. E como nós, muitas vezes, não o percebemos, então Cristo nos parece abstrato, e continuamos falando e repetindo frases quase tentando nos convencer. Nunca funciona assim. É ali, naquilo que vejo, que há algo bem mais extraordinário do que a imobilidade do sol e do tremer da terra. E aquilo que inicialmente parecia fruto de uma benevolência ou de uma liberdade natural ou simplesmente de uma sensibilidade humana é na realidade um milagre, os fatos que dizem respeito a Jesus narrados no Evangelho são mais prodigiosos do que o tremer da terra. Então, damo-nos conta de quanta atenção, convivência e disponibilidade são necessárias para perceber esse extraordinário no cotidiano, porque o nosso problema é a redução que fazemos da presença do divino, de Cristo, a uma mera natureza benéfica: mas em que difere de uma aparente simpatia, de uma humanidade “simplesmente sensível”? E não achamos que isso seja um milagre. Para nós, só é milagre algo ruidoso, porém esse transcender os limites especificados para as possibilidades humanas é bem mais extraordinário do que a terra tremer. Por isso, se nós queremos refazer a experiência dos discípulos, devemos nos ajudar e perceber isso na nossa vida, porque é ali onde começaremos a ver a pretensão que Jesus tem sobre a vida. Senão, “pretensão” será apenas uma palavra, que não tem influência sobre nós. Mas a pretensão cristã é irreduzível, tanto que em alguns gera, como veremos, até a hostilidade! Por isso, ajudemo-nos a olhar a nossa vida tendo esse capítulo diante dos olhos, para surpreender na experiência aquilo que acontece. Porque seguir é reviver a experiência de um outro.

### **Avisos:**

A próxima **Escola de Comunidade** com padre Carrón acontecerá na quarta-feira, dia 19 de dezembro, às 21h30, em Milão. Continuaremos o trabalho sobre o sexto capítulo de *Na Origem da Pretensão Cristã* e também sobre a Carta à Fraternidade.

Permito-me recomendar a **revista Tracce (Passos)**, pois este é o período da campanha de assinaturas. *Passos* é o único instrumento do qual nos sentimos diretamente responsáveis, que procura documentar a novidade de vida que Deus faz acontecer entre nós e exprime as tentativas de juízo que o caminho entre nós faz amadurecer. Sempre foi bom difundir-la, porque é comunicar aquilo que o Mistério faz acontecer, mas entendemos que é especialmente importante agora, com tudo o que dizem de nós nos jornais, pela redução que alguns fazem da nossa experiência: aquilo que nós podemos oferecer não é apenas uma dialética ou um debate, mas testemunhar uma vida. Então, difundir *Passos* agora tem uma urgência particular para permitir a tantas pessoas de boa vontade, que talvez não tenham outra possibilidade de nos conhecer, poder rever o juízo ou a ideia que foram feitas e que fazem do Movimento. Dois jovens contaram sobre o encontro com uma pessoa que falou de tudo e um pouco mais sobre CL e, então, depois de ficarem irritados enquanto a ouviam falar, no fim lhe deram um exemplar de *Passos*. Outra pessoa, assistindo a um programa de televisão, ficou com vontade de vender *Passos*. A insistência sobre a difusão é decisiva sobretudo porque faz emergir a consciência que temos daquilo que nos aconteceu. E que eu espero (para fazer um exemplo) que alguém entre nós, diante da situação atual, não fique confuso e não pergunte

amedrontado: “O que vamos fazer?”, mas proponha *Passos*, ou a leia ele mesmo para responder às dúvidas que nascem, leia porque nós somos os primeiros que precisamos do testemunho que Deus dá diante de nós. Como para o cego de nascença, também para cada um de nós é possível ser um “eu” diferente e não submisso ao ambiente, estar na luta e não fora da realidade, porque cada um de nós é um eu que encontra a sua consistência no evento insuperável que lhe aconteceu, que encontrou. E, então, em cada circunstância, também naquela que parece mais hostil, a pessoa não para, bloqueada na resposta criativa, isto é, não reage negativamente, mas propõe uma presença, propõe uma experiência, por exemplo, dizendo: “Vocês querem saber o que é CL? Eu digo a vocês, e mostro o meu rosto para dizer o que é, e conto através de um instrumento: *Passos*”. É uma possibilidade ao alcance de qualquer um.

**Cartaz de Natal.** São dois textos, um de Bento XVI e um de Dom Giussani. A imagem é a *Adoração dos Magos*, de Gaetano Previati. O texto do Papa é este: “Ninguém pode dizer: tenho a verdade – esta é a objeção que aparece – e, justamente, ninguém pode ter a verdade. É a verdade que nos possui, é algo vivo! Não somos seus donos, mas somos agarrados por ela. Deus tornou-se tão próximo de nós que Ele próprio é um homem: isso deve nos desconcertar e surpreender sempre de novo! Ele está tão próximo de nós que é um de nós. Conhece o ser humano, o conhece por dentro, experimentou a humanidade com suas alegrias e sofrimentos. Como homem, está perto de mim, “ao alcance das mãos”. E este é o texto de Giussani: “O milagre maior, do qual os discípulos eram tocados todos os dias, não era o das pernas endireitadas, da pele purificada, da vista recuperada. O milagre maior era um olhar revelador do humano ao qual não se podia subtrair. Não há nada que convença o homem mais do que um olhar que englobe e reconheça aquilo que ele é, que revele o homem a si mesmo. Jesus via dentro do homem, ninguém podia se esconder diante dele, diante dele a profundidade da consciência não tinha segredos”.

O **livro do mês** para dezembro e janeiro (como poderia ser diferente?) é *A Infância de Jesus*, de Bento XVI, que acabou de ser lançado. Este livro é outro presente que o Papa nos dá para nos fazer companhia neste Ano da Fé.

*Veni Sancte Spiritus*